



Art. 4º - As despesas com a presente lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 5º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em **16** de abril de 1998


Vereador RUBENS WAGNER CALVO

JUSTIFICATIVA

A Carta Magna diz em seu artigo 196:

“A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.”



Diz também a Constituição em seu artigo 203, inciso I:

“A Assistência Social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;”

Para viver dignamente na velhice, às vezes é preciso lançar mão da criatividade da juventude.

Há muitos idosos que ganham muito pouco; só recebem o salário da aposentadoria e não têm onde morar, vivem de favor ou jogados nas ruas, impedidos de viverem uma vida digna a qual têm direito.

Muitos deles têm saúde e disposição mas não encontram emprego e nem onde viver. São abandonados pela família ou vivem muito mal com os parentes onde são relegados a uma situação inferior.

Os pensionatos ou casas de repouso são muito caras e existem poucas mantidas pelo Estado, faltam vagas e as existentes são para aqueles que já não conseguem fazer nada por eles mesmos, necessitando de ajuda para tudo.



As "Repúblicas para a 3ª Idade", seriam criadas para essa fatia da população que pode se cuidar e que passaria a dividir um teto, cada qual com suas obrigações dentro da república que seria dirigida por um Assistente Social, designado pela Secretaria Municipal da Família, Criança e Bem Estar Social - SEBES.

Essa experiência já foi realizada na cidade de Santos pela Prefeitura e tem tido grande sucesso, conforme comprova o artigo da revista "Isto É", de 02/07/97, pag. 40, em anexo.

► nitarista Nivaldo Carneiro Jr. encontra ao tratar moradores de rua. Diretor do Centro de Saúde-Escola Barra Funda, na região central, Carneiro Jr. tem 57 sem-teto cadastrados no ambulatório. Dezesseis deles nem sequer forneceram dados relativos à idade. Dos 41 com data de nascimento conhecida, cinco têm mais de 60 anos, o patamar estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para definir a terceira idade. "Na rua, o idoso sofre mais porque tem a saúde mais debilitada", afirma o médico.

Estar em boas condições físicas é um dos poucos trunfos de Santina Oliveira, 62 anos. Sem filhos e sem contato com a família, da cidade de Sorocaba, no interior paulista, Santina ficou viúva em 1991, durante um assalto à casa de campo onde ela e o marido trabalhavam como caseiros, na Grande São Paulo. Na época, encontrou abrigo num albergue da capital e, pouco depois, começou a trabalhar na casa de uma senhora idosa, que vivia sozinha no Jardim Paulistano, um bairro nobre de São Paulo. Com a morte da patroa, em março, Santina se viu de novo na rua. Guarda seus pertences no quarto de uma amiga, também empregada doméstica, passa as noites em albergues e está procurando trabalho. "Sei fazer de tudo", esclarece. "Ainda vou bater na porta de alguém que esteja precisando de uma pessoa como eu." Enquanto isso não acontece, seguindo dicas de sem-teto com mais tempo de rua, Santina se alimenta graças a um roteiro gastronômico desconhecido da maioria dos paulistanos e que inclui o cardápio de pelo menos duas dezenas de instituições. Seu domingo, por exemplo, começa com um desjejum oferecido pela igreja evangélica coreana no Glicério, no Centro. Entre assistir ao culto e fazer fila, são quase duas horas de espera por um copo de café com leite e um pãozinho francês. É muito tempo para quem trabalha na cidade mais apressada do País. Mas é quase nada para aqueles que tiveram seus últimos anos de vida jogados na rua por uma sociedade que aliou a imprevidência oficial à desassistência pública. ■

República de veteranos

Para viver dignamente na velhice, às vezes é preciso lançar mão da criatividade da juventude. Com pouquíssimo dinheiro no bolso, 13 idosos de Santos, no litoral paulista, dividem desde setembro um amplo e confortável sobrado da cidade. Eles vivem em um sistema similar ao das repúblicas estudantis. Cada um tem cópia da chave da porta, entra e sai quando bem entende. Todas as despesas e tarefas domésticas são divididas entre os moradores, aposentados que recebem, em média, um salário mínimo por mês. A conta mais pesada – o aluguel – custa apenas R\$ 32 mensais para cada um. Por trás do baixo valor está a prefeitura santista, que tem no projeto, batizado como República Bem Viver, a sua primeira experiência de locação social, para pessoas de baixa renda. Além de oferecer o aluguel barato e de conservar o imóvel, a prefeitura pouco inter-

vém no cotidiano dos integrantes da república, que têm entre 54 e 86 anos. "Todo mundo aqui sabe se cuidar", afirma a moradora mais velha, Maria de Lourdes Lopes, 86 anos. "Só não tínhamos uma casa para morar."

Quando a república foi criada, na esteira de encontros de grupos de terceira idade, a idéia era a eleição, a cada três meses, de um administrador. Na prática, no entanto, os moradores preferiram não estabelecer nenhuma hierarquia entre eles. O plano de manter uma cozinha única, com rodízio no comando do fogão, também foi alterado. Ocupando o primeiro andar, as oito mulheres do grupo preferiram ter uma cozinha separada, sob a responsabilidade de Maria de Lourdes. No térreo, onde vivem os homens, o cozinheiro é o ex-feirante Vergílio da Palma, 61 anos. Separado e pai de uma menina de dez anos, Vergílio passou meses dormindo escondido

em uma construção antes de se mudar para a república. "Passava o dia perambulando pela cidade", lembra. "Agora, só saio na rua a passeio." Como todos os outros moradores da república, Vergílio participa a cada 15 dias de uma reunião com técnicos municipais, na qual estabelecem regras de convivência e resolvem questões práticas para a manutenção da casa. "Eles discutem, brigam, mas concordam que a república é a melhor forma de preservar sua dignidade", esclarece a assistente social Gisela Ione dos Santos. A solução, no entanto, surgiu apenas quando o problema de moradia dos idosos da cidade se agravou. A abertura de uma segunda república do gênero ainda está em fase de projeto e 21 idosos já se cadastraram para ocupá-la.

Moradores da Bem Viver: criatividade

